

# REFLEXÃO INTRODUTÓRIA DA PRESENÇA DA PERSONAGEM JANAIR N'A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

INTRODUCTORY REFLECTION OF THE PRESENCE OF THE CHARACTER  
JANAIR N'A PASSION SECOND G.H.

Antonia Luciana Lopes Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a problemática da presença da personagem Janair no romance *A Paixão Segundo G.H.* da escritora Clarice Lispector, que trata do encontro pessoal da personagem G.H. consigo mesma. A hipótese é que a obra trata da exclusão do Outro dentro da própria moradia pela presença da Janair e ancora-se nos estudos de Cunha (2017), Almiro (2015), Fanon (2008), Carneiro (2003), Romano (2002), Cândido (1972), dentre outros. Concluímos que, no conjunto de episódios, Janair seria o empecilho, para que GH a protagonista da obra em análise, tenha se privado da experiência que a faz se conhecer melhor, visto que o apartamento tinha a personalidade de Janair, que era seu mal.

**Palavras-chave:** Personagem Janair; Clarice Lispector; Conhecer; Exclusão do Outro.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the problematic of the presence of the character Janair in the novel *The Passion Second G.H.* of the writer Clarice Lispector, which deals with the personal encounter of the G.H. character with herself. The hypothesis is that the work deals with the exclusion of the Other within the home by the presence of Janair and is anchored in the studies of Cunha (2017), Almiro (2015), Fanon (2008), Carneiro (2003), Romano (2002), Cândido (1972), among others. We conclude that in the set of episodes, Janair would be the obstacle, so that GH the protagonist of the work in analysis, has been deprived of the experience that makes her know better, since the apartment had the personality of Janair that was its evil.

**Keywords:** Character Janair; Clarice Lispector; Knowing; Exclusion of the Other.

## Introdução

O presente artigo é uma pesquisa de caráter introdutório e tem como objetivo analisar a problemática na presença da personagem Janair no romance *A Paixão Segundo G.H.* da escritora Clarice Lispector. A obra trata do encontro pessoal da personagem G.H. consigo mesma, levantando a hipótese de que seu contexto trata da exclusão do Outro dentro da própria moradia, pela presença de Janair. Escrito no ano de 1964, o romance trata do encontro pessoal da personagem G.H. consigo mesma ao ingerir a massa esbranquiçada de uma barata.

Segundo o relato de Stefens<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Redenção-CE, Brasil. Contato: luciana.unilab@gmail.com.

<sup>2</sup> STEFENS, Adriana Inês Martos. *O Diálogo de alteridades na escritura de A Paixão segundo G.H. de Clarice Lispector*. 83f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. Disponível em:

O enredo da obra em estudo, *A Paixão segundo G.H.*, é bastante insólito: a protagonista e narradora identificada apenas pelas iniciais, G.H., quer contar sua experiência excruciante, sua *via crucis*, como ela mesma a designa. O discurso de G.H. estrutura-se, aparentemente, sobre a forma de um monólogo, no qual, a priori ela dialoga com a vida: ao deparar-se com uma barata na porta do guarda roupa, G.H. vive um impasse entre a repulsa e atração por este inseto milenar e é a partir desta experiência grotesca, mas prazerosa, que G.H. reflete, inicialmente sobre a existência.

[...] *A Paixão segundo G.H.*, 1964, é uma história narrada em primeira pessoa, pela própria personagem, G.H., narradora que conta a alguém sua tentativa em arrumar o apartamento, após a demissão da empregada Janair. Ainda no início da narrativa, sentada à mesa do café, G.H., observa o confortável apartamento em que vive uma cobertura do 13º andar. Decide iniciar a arrumação pelo quarto da empregada, G.H. precisa passar por um corredor escuro e, ao chegar ao quarto, tão grande é a sua surpresa, pois o quarto parece não fazer parte da casa. Na parede do quarto, há um mural onde está desenhada uma mulher, um homem, e um cão. Mas o grande clímax da obra é o momento em que emerge do fundo do armário uma barata e, a partir do duelo entre a personagem e este inseto milenar é que se inicia a experiência excruciante de G.H.

Percebe-se que não é um enredo simples, porque projeta uma análise reflexiva intersubjetiva que é a práxis principal na romanesca clariceana, apresentando o cotidiano de forma sensível e escrevendo de maneira inovadora, consoante afirma Carvalho<sup>3</sup>: “a maestria no uso das palavras faz com que a escrita clariceana seja considerada como inovadora, pois estabelece uma nova concepção de tempo para o romance”.

Para a consolidação da reflexão proposta, este artigo está estruturado em cinco sessões que tratam de algumas particularidades presentes na obra em discussão, sendo elas: o movimento modernista no Brasil, a exclusão social e as desigualdades com pessoas do “rosto preto”, e as configurações de Janair na obra; acerca das quais passamos a dissertar.

## **Movimento Modernista no Brasil**

---

<<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/14852/1/Adriana%20Ines%20Martos%20Stefens.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 58-59.

<sup>3</sup> CARVALHO, Maria Silvana Cápua. A Sensibilidade clariceana de narrar o cotidiano. In: 3. Colóquio do grupo de estudos literários contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos, Feira de Santana: PPGLDC, 2011. *Anais...* Disponível em: <<http://www2.uefs.br/dla/romantismoliteratura/coloquiogrupodeestudos2011/anais/3coloq.anais.107-116.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017, p. 107

É relevante situar o momento histórico em que aparece a escrita de Clarice Lispector em forma de uma breve consideração de caráter geral sobre o movimento Modernista no Brasil. Para iniciarmos, é importante destacar que este consistiu num “movimento literário responsável pelas rupturas estéticas e culturais”<sup>4</sup>. Chegamos assim a uma conclusão preliminar de que, do ponto de vista estético, é adequado podermos dizer que tal movimento foi considerado um avanço cultural inquestionável para o nosso país.

O movimento questionava objetivamente o “fazer literário tradicional”, fazendo provocações relacionadas às negações que esse “velho estilo” não se preocupava em fazer, por exemplo, tinham o desejo de mostrar os problemas estruturais do Brasil, com suas favelas, seu povo sofrido, marginalizado, sem os idealismos românticos e para isso criaram uma arte tipicamente brasileira. Não há dúvida de que os participantes do movimento, para alcançar esse objetivo, propuseram mudanças radicais tanto na linguagem quanto na forma das produções, e essa postura permitiu uma ruptura com a arte tradicional.

Então quando falamos sobre a arte tradicional, nós estamos trazendo à baila o Parnasianismo e o Simbolismo que são representantes dos estilos considerados clássicos da época aqui no Brasil. Neste caso, veem-se experimentações constantes por parte dos modernistas, o que resultou em uma renovação artística em oposição aos clássicos.

Mas não devemos nos esquecer do contexto histórico em que foi produzida a arte tipicamente brasileira, neste caso, vale ressaltar que era o início do século XX. Havia aí, antes de tudo, um forte desenvolvimento tecnológico e científico, foi uma época marcada por grandes descobertas. Neste particular, Almiro<sup>5</sup> aponta: o surgimento da eletricidade, do automóvel, a teoria psicanalítica de Freud, a valorização do conforto, do “bem viver”.

Neste contexto histórico, é importante destacar que o movimento modernista no Brasil teve três períodos bem definidos baseados em novos ideais, conforme segue:

---

<sup>4</sup> ALMIRO, Francisca Gilmar da Silva. *O Averso Ignorado: A construção identitária da Narradora - Personagem G.H. em A Paixão Segundo G.H. de Clarice Lispector*. 91 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2980001](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2980001)>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 10.

<sup>5</sup> ALMIRO, 2015, p. 9.

A primeira, de 1922 – 1930, considerada pela crítica como modernismo radical, caracterizou-se por solidificar os novos ideais do movimento; a segunda de 1930 – 1945, a fase dos regionalistas, é a época de grandes autores e obras que vão além do regionalismo, momento de mais amadurecimento e equilíbrio, tanto na produção quanto na recepção dos novos ideais. Já a terceira, com início a partir de 1945 e nomeada como o período dos pós-modernistas, caracteriza-se por mostrar várias tendências tanto na prosa quanto na poesia<sup>6</sup>.

Considerando-se tais fases, é importante destacar que, no que se refere à prosa, a mesma foi subdividida em três perspectivas. A primeira apresenta um caráter urbano, pensemos, por exemplo, em alguns problemas urbanos, citados por Oliveira<sup>7</sup> como o “aglomerado urbano”, as “edificações inadequadas à moradia”, a “falta de espaço verde” e uma “população empobrecida”. Essas problemáticas sociais eram debatidas prosas de caráter urbano. Deste modo, a literatura apresentava as dificuldades pelas quais passam o povo, denunciando injustiças, reclamando direitos e reivindicando melhores condições de vida para a população brasileira. Neste caso, considera-se aqui a literatura como denuncia social.

Como comentado anteriormente, a obra *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, foi escrita em 1964, momento em que o país caminhava para a consolidação do Brasil urbano em detrimento do Brasil rural, isso conduz, num futuro próximo, na década de 70, ao aumento significativo da miséria, expondo, deste modo, as desigualdades resultantes dos processos econômicos pregressos.

Após essas considerações, e exemplos sobre alguns problemas urbanos, que certamente, os contextos são fator-chave na análise de um romance, podemos dizer que essas temáticas servem de base referente à prosa de caráter urbano.

Encontram-se paralelos à perspectiva de caráter urbano, a perspectiva de caráter regionalista e ainda uma terceira, a de caráter psicológico. Os temas que unificam essas questões é o eterno tema voltado aos problemas sociais.

No que diz respeito às narrativas, vistas sob a perspectiva psicológica, considera-se que:

---

<sup>6</sup> ALMIRO, 2015, p. 10.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Rômulo Andrade de. *Brasília e o paradigma modernista: planejamento urbano do moderno atraso*. 185 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-04032010-154927/pt-br.php>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

Centravam-se no espaço mental das personagens, dando ênfase aos aspectos psicológicos que as compunham. No que se refere à forma e à estrutura, há também um diferencial, pois, a continuidade temporal já não segue totalmente a linearidade e a cronologia com que se vinha produzindo em outros períodos literários<sup>8</sup>.

No nosso caso, é importante considerar essa subdivisão da prosa em caráter urbano, regionalista e caráter psicológico, como veremos mais adiante. Assim, nos termos de Almiro<sup>9</sup>, “dentro desse cenário irrompe a figura da escritora Clarice Lispector, que desenvolverá ao longo de seus escritos um estilo, até então, pouco ou ainda não explorado dentro da produção literária brasileira”, não podemos deixar de realçar, que os escritos clariceanos, como aponta a autora, “são repletos de detalhes e surpresas que evocam a participação do leitor no processo de construção do sentido textual”. Neste caso, ainda com base no pensamento da pesquisadora, considera-se que Clarice Lispector, “rompe com os ‘moldes’ de literatura até então estabelecidos e passa a escrever textos que dialogam com o leitor mais intimamente”. Outra nuance importante que a estudiosa ressalta é que essa escrita:

Apesar de já vista em obras de Machado de Assis, é uma característica da literatura pós-moderna, convidar os leitores a participar da construção dos sentidos da narrativa, o que de acordo com Mikhail Bakhtin (2009) contribui também para a caracterização do estilo<sup>10</sup>.

Nessa perspectiva, enfatizamos que a obra literária se utiliza, entre outros recursos de um pressuposto dialógico, como matéria-prima que vai desde o autor, personagens, até ao leitor.

Retomando a discussão, Clarice Lispector, tal como mencionado anteriormente, em sua obra “rompe com os “moldes” de literatura até então estabelecidos. Neste contexto, para Almiro<sup>11</sup>, é importante frisar que “a produção literária da escritora é concomitante a um período de ruptura dos modelos tradicionais em que as preocupações com a escrita literária não afloram apenas para as questões de denúncia social, mas para outras preocupações estéticas”.

A autora acresce que, neste contexto, os escritos clariceanos acabam influenciando positivamente na consolidação de uma nova forma de se fazer literatura,

---

<sup>8</sup> ALMIRO, 2015, p. 10.

<sup>9</sup> ALMIRO, 2015, p. 10.

<sup>10</sup> ALMIRO, 2015, p. 10.

<sup>11</sup> ALMIRO, 2015, p. 11.

complementando-se a ideia propagada de que “a autora ganhou destaque no universo literário e deixou um rico legado que surpreende a crítica e reflete até hoje os conflitos existenciais humanos”<sup>12</sup>.

Sobre os conflitos existenciais humanos na literatura brasileira, examinamos diferentes estudos e nos deparamos com o trabalho de Romano *apud* Macedo<sup>13</sup> que afirma que:

Os personagens presentes nas obras de Lispector e Rosa possuem aguçada capacidade de reflexão, a qual é motivada por situações aparentemente banais, integrantes do cotidiano. Partindo desse “banal”, os personagens chegam a questionamentos relativos a “temas maiores”, como a necessidade de conviver com os outros, a compreensão da própria mortalidade, da própria identidade e do estar no mundo.

Ao longo da década de 1970, houve uma rica troca de ideias sobre as obras de Clarice Lispector, por exemplo, como bem lembra Macedo (2014) temos o volume *Leitura de Clarice Lispector*, lançado em 1973, no qual Benedito Nunes (1976) dedica parte desse estudo a analisar a obra lispectoriana com base na temática existencial. Nesta mesma linha, confirmando tal especificidade temática, Romano *apud* Macedo<sup>14</sup> nos diz que “a obra de Clarice Lispector, é moldada a partir da problemática existencialista, pois implica a compreensão do ser, por parte de uma consciência reflexiva, como princípio de busca e ponto de partida para questionamentos ulteriores relativos à subjetividade e à objetividade do mundo”.

Em vista desse entendimento preliminar do que foi o movimento modernista, enfatizamos uma ideia já mencionada anteriormente de que a obra de Clarice Lispector “reflete até hoje os conflitos existenciais humanos”<sup>15</sup> e passamos a refletir, nas seções seguintes, como se percebe esse olhar clariceano no que diz respeito às desigualdades sociais e seus desdobramentos.

## **Exclusão social e as desigualdades com pessoas do “rosto preto”**

---

<sup>12</sup> ALMIRO, 2015, p. 11.

<sup>13</sup> MACEDO, Éder Alves de. *Dos Limites da Existência: O Existencialismo em Paixão Segundo G. H., em Clarice Lispector*. 212 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103882/000922186.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 33.

<sup>14</sup> MACEDO, 2014, p. 34.

<sup>15</sup> ALMIRO, 2015, p. 11.

A obra deixa bem claro que trata também da exclusão do Outro – no caso, a personagem Janair. Esta é retratada pela protagonista G.H. como uma pessoa de [...] “rosto preto e quieto, de pele inteiramente opaca, que mais parecia seu modo de se calar, com as sobrancelhas bem desenhadas, os traços eram finos e delicados que mal eram divisados no negror apagado da pele”<sup>16</sup>. Janair parece ser, para G.H., mais uma mulher negra e pobre invisibilizada no Brasil onde convivemos intensamente com problemas de preconceito, uma vez que os modelos de desenvolvimento social e econômico no país e no mundo impactam profundamente a vida dessas mulheres: ainda vivemos em um mundo que, após o chamado “fim da escravatura”, jamais garantiu às pessoas negras condições de igualdade social. Ao fazermos um estudo cuidadoso das reivindicações e lutas do movimento de mulheres do Brasil encontramos uma gama de demandas, entre elas, as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupam as mesmas, como nos mostra a pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada<sup>17</sup> afirmando que:

Alguns estudos apontam uma disparidade entre mulheres brancas e negras que ocupam as mesmas atividades, como, por exemplo, com as trabalhadoras domésticas: a desigualdade de rendimento entre trabalhadoras brancas e negras, segundo o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), aponta que “a diferença de rendimento entre as trabalhadoras brancas e negras se manteve nos últimos 15 anos. Em 2009, trabalhadoras negras ganhavam, em média, R\$364,80, e trabalhadoras brancas, R\$421,60”.

Vale ressaltar, também, que os movimentos feministas, na década de 1960, alavancaram a luta de mulheres no reconhecimento de seus trabalhos, conforme argumenta Carneiro<sup>18</sup>:

São memoráveis, para as feministas, o protagonismo que tiveram nas lutas pela anistia, por creche (uma necessidade precípua das mulheres de classes populares), na luta pela descriminalização do aborto que penaliza, inegavelmente, as mulheres de baixa renda, que o fazem em condições de precariedade e determinam em grande parte os índices de mortalidade materna existentes no país; entre outras ações.

---

<sup>16</sup> LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009. Disponível em: <<http://www.carlaportugues.com.br/site/wp-content/uploads/2013/04/apaixaosegundogh.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 27.

<sup>17</sup> INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada et al. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4. ed. Brasília: Ipea; ONU Mulheres; Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 29.

<sup>18</sup> CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 118.

Ao comentar de forma geral sobre os movimentos sociais progressistas brasileiros, a autora nos alerta para um fato que persistiu por muito tempo: o movimento feminista brasileiro era prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres e, deste modo, não considerando a "perspectiva social" das mulheres negras.

A autora também nos chama a atenção para o fato de que neste campo social, podemos dizer que as mulheres negras, por exemplo, [...] “possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso”, além de que, a pesquisadora traz à luz a reflexão para a manifestação de ocorrências envolvendo critérios distintos de valoração humana afirmando que “essas óticas particulares vêm exigindo, vagarosamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades”<sup>19</sup>.

Para a pesquisadora, assim como enxergamos o mundo social sob perspectivas diferentes, os Movimentos Negros e Movimentos de Mulheres procuraram assegurar uma agenda específica das mulheres negras nos planos nacional e internacional, resultado de lutas e sacrifícios das mulheres negras que enfrentaram muitos desafios no interior do próprio movimento feminista.

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em *solidariedade racial intragênero* conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. "O mesmo se pode dizer em relação à *solidariedade de gênero intragrupo* racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros"<sup>20</sup>.

Deste modo, em relação ao mercado de trabalho, notamos que o Brasil carrega, ainda, amplos instrumentos da fase escravocrata em suas táticas repressivas de perpetuação das desigualdades sociais, que, neste sentido, parece que nunca

---

<sup>19</sup> CARNEIRO, 2003, p. 119.

<sup>20</sup> CARNEIRO, 2003, p. 120.

garantirão aos negros condições de igualdade social com os não-negros, haja vista o relato da caracterização da própria G.H. em relação a Janair no interior do romance:

Carvão e unha se juntando, carvão e unha, tranquila e compacta raiva daquela mulher que era a representante de um silêncio como se representasse um país estrangeiro, a rainha africana. E que ali dentro de minha casa se alojara, a estrangeira, a inimiga indiferente”<sup>21</sup>.

### **As configurações de Janair na obra**

Janair, mulata de corpo ereto, delgado, forma achatada de baixo relevo, roupas escuras, pele ressecada, cobertas pelo negror natural, tem uma imagem petrificada pela narradora, e engessada ao formato com que G.H. a mantém fixo em sua mente: uma imagem repleta de decodificações – de acordo com uma maneira peculiar e particular de julgamento. Tomemos o silêncio de ambas, no decorrer do romance, sendo importante ressaltar que G.H. somente narra em seu fluxo de memória aquilo que ela considera importante em seu relato. Assim, a personificação de Janair é feita somente através das impressões deixadas para trás, seja no relato pessoal da personagem principal, ou no quarto ocupado por ela, contadas aleatoriamente por G.H.

Como falado anteriormente, Janair é esculpida na obra através da maneira subjetiva com que G.H. a descreve, dessa forma ela se torna invisibilizada dentro de um apartamento e nas lembranças de G.H., como se observa no excerto:

A lembrança da empregada ausente me coagia. Quis lembrar-me de seu rosto, e admirada não consegui – de tal modo ela acabara de me excluir de minha própria casa, como se me tivesse fechado a porta e me tivesse deixado remota em relação a minha moradia. A lembrança de sua cara fugia-me, devia ser um lapso temporário<sup>22</sup>.

Outra percepção de G.H. de si mesma, conforme expresso por Cunha<sup>23</sup>, ocorre quando “o ato transgressor de comer da massa branca do interior da barata é precedido pelo reconhecimento da condição de exclusão da ex-empregada Janair, por

---

<sup>21</sup> LISPECTOR, 2009, p. 29.

<sup>22</sup> LISPECTOR, 2009, p. 26.

<sup>23</sup> CUNHA, Weslei Ribeiro da. *A condição humana na poética de Clarice Lispector*. 359f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2017. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/25076/1/2017\\_tese\\_wrcunha.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/25076/1/2017_tese_wrcunha.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 157

meio da qual G.H. descobre, com mal-estar, outro mundo de imagens, motivado por rudimentares desenhos”, expresso com maestria no excerto:

[...] Estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão que era mais nu do que um cão, [...] curiosamente, a figura na parede lembrava-me alguém, que era eu mesma (...) eu percebia que as três figuras angulares de zumbis haviam de fato retardado minha entrada como se o quarto ainda estivesse ocupado”<sup>24</sup>.

Em um cômodo do apartamento, mais precisamente no quarto, Janair faz a criação do seu mundo, que independe totalmente de G.H., a partir do momento em que um mural se torna painel de algo que ela quer dizer, o impacto visual em G.H. se articula através das mensagens, isto é, das imagens rabiscadas na parede do quarto que parecem transmitir algo.

Na estruturação do processo comunicativo através da imagem, Cândido<sup>25</sup> “afirma que todo processo de comunicação pressupõe, um comunicante, no caso o artista, um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando que é o público a que se dirigem, graças a isso se define o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito.” De acordo com o autor, todo processo de comunicação constitui-se desses quatro elementos, os quais são participantes da comunicação e é isso que traz e faz o efeito da obra se articular entre o público.

Com base na afirmação de Almiro<sup>26</sup> que diz “a narradora-personagem passa por um processo de (des)identificação com a mulher e atravessa momentos de reflexão sobre si, sobre sua existência no mundo”, percebemos que o efeito da “obra” de Janair é como se fosse um mecanismo detonador do mundo de G.H., que começa a se fragmentar e a se desconstruir, como observamos no excerto:

Os traços – descobri sem prazer – eram traços de rainha. E também a postura: o corpo erecto, delgado, duro, liso, quase sem carne, ausência de seios e de ancas. E sua roupa? Não era de surpreender que eu a tivesse usado como se ela não tivesse presença: sob o pequeno avental vestia-se sempre de marrom escuro ou de preto, o que a tornava toda escura e invisível – arrepiei-me ao descobrir que até agora eu não havia percebido que aquela mulher era uma invisível [...]

---

<sup>24</sup> LISPECTOR, 2009, p. 41.

<sup>25</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: 13. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2014. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Eliza/FLG702/Seminarios/1%C2%BA\\_Seminario-Possibilidades\\_de\\_Ensino\\_e\\_Aprendizagem\\_de\\_Geografia\\_pela\\_Literatura/Antonio\\_Candido\\_A\\_literatura\\_e\\_a\\_vida\\_Social\\_Cap.II.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Eliza/FLG702/Seminarios/1%C2%BA_Seminario-Possibilidades_de_Ensino_e_Aprendizagem_de_Geografia_pela_Literatura/Antonio_Candido_A_literatura_e_a_vida_Social_Cap.II.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 31.

<sup>26</sup> ALMIRO, 2015, p. 43.

E fatalmente, assim como ela era. Assim deveria ter me visto? abstraindo daquele meu corpo desenhado na parede tudo o que não era essencial, e também de mim só vendo o contorno. No entanto, curiosamente, a figura na parede lembrava-me alguém que era eu mesma. Coagida com a presença que Janair deixara de si mesma num quarto de minha casa eu percebia que as três figuras angulares de zumbis haviam de fato retardado minha entrada como se o quarto ainda tivesse ocupado<sup>27</sup>.

A beleza estética de Janair, nesse momento, resultara de uma ironia serena que contrastava bem com a ordem simétrica de sua presença silenciosa e passada despercebida, em consonância com o argumento de Cândido<sup>28</sup>, afirmando que:

Uma personagem muda não pode permanecer sozinha no palco. Já n cinema ou romance, a personagem pode permanecer calada durante bastante tempo, porque as palavras ou imagens do narrador ou da câmara narradora se encarregam de comunicar-nos os seus pensamentos, ou, simplesmente, seus afazeres, o seu passeio solitário etc.

Mesmo silenciosamente, Janair combate com G.H. e, nesse embate, sai vitoriosa não por levar os despojos<sup>29</sup>, mas pelo contrário, por deixá-los, como se depreende da pesquisa de Almiro<sup>30</sup>:

No desenho, finalmente, patroa e empregada se enfrentam pela primeira vez. Esse primeiro momento faz G.H. sentir um ódio que a transforma em uma outra, porém, é esse mesmo ódio que a faz amar a Janair. Em várias passagens de seu discurso a narradora-personagem utiliza expressões para se referir a doméstica como “aquela empregada”, termos estes que trazem um sentido pejorativo diante dos fatos narrados. A empregada irrita G.H. pelo fato de usufruir de sua visão do outro lado da janela do quarto e, simplesmente, por ter um quarto que relembra coisas e sentimentos dos pobres.

Outro aspecto importante perceptível é que Janair já não é a empregada demitida e agora se encontra em pé de igualdade com sua “senhora”, porque G.H. “passa a entender que o espaço que as separa é tão mínimo quanto o espaço das letras G e H na disposição gráfica do alfabeto” e, finalmente G.H. percebe que através

---

<sup>27</sup> LISPECTOR, 2009, p. 41.

<sup>28</sup> CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 2 ed. São Paulo: perspectiva, 1972. Disponível em: <[http://paginapessoal.utfpr.edu.br/rogerioalmeida/teoria-da-narrativa/Antonio%20Candido%20e%20Outros%20-%20A%20personagem%20de%20ficcao%20-pdf-rev-1.pdf/at\\_download/file](http://paginapessoal.utfpr.edu.br/rogerioalmeida/teoria-da-narrativa/Antonio%20Candido%20e%20Outros%20-%20A%20personagem%20de%20ficcao%20-pdf-rev-1.pdf/at_download/file)>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 23

<sup>29</sup> Recompensas por uma batalha vencida ou sobras de guerra ou bens de conquista adquiridos após o guerreiro ter vencidos a guerra e tomado de seu adversário, que na maioria das vezes está morto ou feito prisioneiro (Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/despojos/2743/>).

<sup>30</sup> ALMIRO, 2015, p. 44.

do outro, aqui sendo Janair, “sua vida está desorganizada, permeada por uma ‘completude’ que lhe causa infelicidades”<sup>31</sup>.

Ao se referir a esse embate, Cunha<sup>32</sup>, fundamentando-se na obra kafkiana, argumenta que “as narrativas de Franz Kafka e Clarice Lispector, ao lidarem com a condição humana, destacando do confronto entre o extraordinário e o ordinário, a existência do ‘homem comum’, partem da simples realidade do cotidiano”.

O pesquisador explicita ainda que:

As imagens desse “inesperado mural” desconfortam, constroem a protagonista, na medida em que a lembrança da empregada Janair torna-se presente através delas, coercitivamente. Os contornos vazios que representavam as imagens do homem, da mulher e do cão, onde G.H. devia estar sendo representada, revelam-lhe a incomunicabilidade, o vazio existente entre elas, assim como lhe despertam uma sensação que não se deixara ter por Janair ao longo de seis meses, por negligência e desinteresse: a do silencioso ódio [...]<sup>33</sup>.

Percebe-se, então, que a própria Janair pode ser alienada em relação a si própria e conformada a sua condição de mulher negra, silenciada por G.H. e pela sociedade que a cerca, e nos aproxima do pensamento de Fanon<sup>34</sup> que afirma: “Veremos que a alienação do negro não é só uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia.” Pelo que, acerca desse princípio fanoniano, Faustino<sup>35</sup> nos esclarece que:

Neste livro Fanon avisa que a alienação colonial, como forma específica de exploração capitalista, marca indiscutivelmente a configuração da sociedade moderna fazendo com que brancos (colonizadores) e negros (colonizados), vivenciem cada qual a seu modo, a negação de sua humanidade. A criação e racialização do Outro, bem como o estranhamento daí resultante, retiram do colonizado a possibilidade de ser visto (e, conseqüentemente, de se ver) como expressão universal do gênero humano.

---

<sup>31</sup> ALMIRO, 2015, p. 44.

<sup>32</sup> CUNHA, 2017, p. 24.

<sup>33</sup> CUNHA, 2017, p. 158.

<sup>34</sup> FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 28.

<sup>35</sup> FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. In: 5. Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”, Gepal, 2013. **Anais...** Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16\\_deivison\\_GI.pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16_deivison_GI.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2017, p. 220.

E também, ainda sobre esse mesmo princípio, Sartre<sup>36</sup> revela que “ao quisermos a liberdade, descobrimos que ela depende inteiramente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa”.

Assim, Janair aparece na trama como elemento problematizador que externaliza o não-relacionamento, como elemento excluído, como o não Outro, como o objeto que deflagra o (re)conhecimento de si mesmo – aqui no caso G.H. –, ao mesmo tempo como objeto que revela e desvela o quanto o silêncio é capaz de falar, até mesmo gritar para o Outro e para o mundo: eu estou aqui.

### **Considerações Finais**

A Especularidade da obra caracteriza-se por certos contextos para refletir reincidentes, reencontros, reduplicações e repetições. E desse modo se percebe que no conjunto dos episódios, tidos nos relatos de G.H, Janair seria o empecilho, para que G.H a protagonista da obra em análise, tenha se privado da experiência que a faz se conhecer melhor, visto que o apartamento tinha a personalidade de Janair.

Dentro dessa perspectiva das relações humanas perdidas, sob o que podemos chamar de humano a condição social, relativo à cor ainda se faz pertinente, visto que as mulheres, em especial as negras, não se distanciam do preconceito visível no Brasil.

A reflexão aqui proposta demonstra que Janair retrata os vestígios de identidade, em uma experiência que tratou as mulheres e suas lutas de maneira singular em relação ao mercado de trabalho, em um Brasil que carrega instrumentos da fase escravocrata, e que são táticas repressivas de perpetuação das desigualdades sociais, que supostamente nunca garantirá aos negros condições de igualdade com os não negros.

Contudo, esta reflexão é apenas um estudo introdutório que busca mostrar a condição humana tomando por base o/a “homem/mulher comum” e pode ser enriquecida com outros olhares e aprofundamentos.

### **Referências**

---

<sup>36</sup> SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 25.

ALMIRO, Francisca Gilmar da Silva. *O Avesso Ignorado: A construção identitária da Narradora - Personagem G.H. em A Paixão Segundo G.H. de Clarice Lispector*. 91 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2980001](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2980001)>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 2 ed. São Paulo: perspectiva, 1972. Disponível em: <[http://paginapessoal.utfpr.edu.br/rogerioalmeida/teoria-da-narrativa/Antonio%20Candido%20e%20Outros%20-%20A%20personagem%20de%20ficcao%20-pdf-rev-1.pdf/at\\_download/file](http://paginapessoal.utfpr.edu.br/rogerioalmeida/teoria-da-narrativa/Antonio%20Candido%20e%20Outros%20-%20A%20personagem%20de%20ficcao%20-pdf-rev-1.pdf/at_download/file)>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In:\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: 13. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2014. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Eliza/FLG702/Seminarios/1%C2%BA\\_Seminario-Possibilidades\\_de\\_Ensino\\_e\\_Aprendizagem\\_de\\_Geografia\\_pela\\_Literatura/Antonio\\_Candido\\_A\\_literatura\\_e\\_a\\_vida\\_Social\\_Cap.II.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Eliza/FLG702/Seminarios/1%C2%BA_Seminario-Possibilidades_de_Ensino_e_Aprendizagem_de_Geografia_pela_Literatura/Antonio_Candido_A_literatura_e_a_vida_Social_Cap.II.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CARVALHO, Maria Silvana Cápua. A Sensibilidade clariceana de narrar o cotidiano. In: 3. Colóquio do grupo de estudos literários contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos, Feira de Santana: PPGLDC, 2011. *Anais...* Disponível em: <<http://www2.uefs.br/dla/romantismoliteratura/coloquiogrupodeestudos2011/anais/3colq.anais.107-116.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

CUNHA, Weslei Ribeiro da. *A condição humana na poética de Clarice Lispector*. 359f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2017. Disponível em: < [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/25076/1/2017\\_tese\\_wrcunha.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/25076/1/2017_tese_wrcunha.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2017.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. In: 5. Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”, Gepal, 2013. *Anais...* Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16\\_deivison\\_GI.pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16_deivison_GI.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2017.

INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada et al. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4. ed. Brasília: Ipea; ONU Mulheres; Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009. Disponível em: <<http://www.carlaportugues.com.br/site/wp-content/uploads/2013/04/apaixaosegundogh.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

MACEDO, Éder Alves de. *Dos Limites da Existência: O Existencialismo em Paixão Segundo G. H.*, em Clarice Lispector. 212 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103882/000922186.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

OLIVEIRA, Rômulo Andrade de. *Brasília e o paradigma modernista: planejamento urbano do moderno atrasado*. 185 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-04032010-154927/pt-br.php>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

STEFENS, Adriana Inês Martos. *O Diálogo de alteridades na escritura de A Paixão segundo G.H. de Clarice Lispector*. 83f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14852/1/Adriana%20Ines%20Martos%20Stefens.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017.